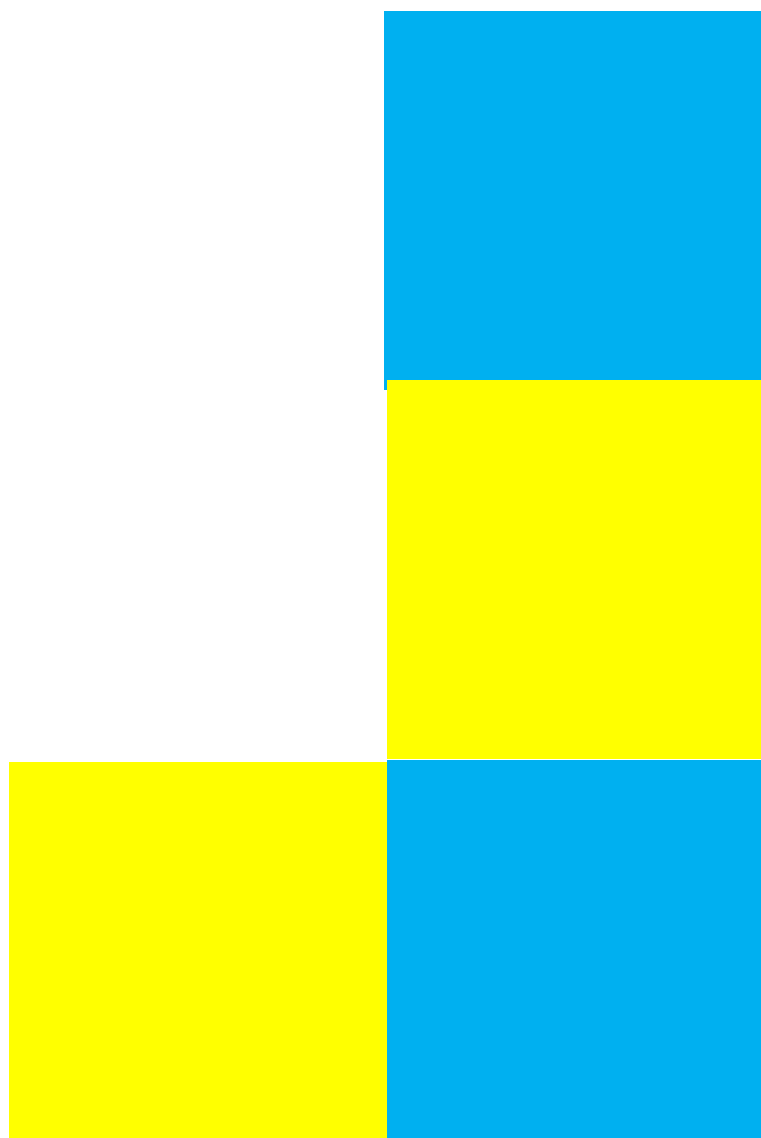


Inteligência ou morte: sobre o bom uso da consciência trágica

Filipe Galvão

mestre em Comunicação e Cultura pela UFRJ e membro da rede de laboratórios Moitará. Desenvolve pesquisas sobre ética no antropoceno, consciência trágica, geoengenharia e estéticas do fim do mundo.



No dia 24 de Fevereiro de 2022, na cauda longa da pandemia de coronavírus, anunciou-se pela enésima vez a velha profecia: o fim do mundo está próximo. Nós que ainda contávamos os corpos do último dilúvio em Petrópolis - triste ironia que a cidade de Pedro, a cidade de pedra, derreta violentamente como uma cidade de açúcar a cada verão - entramos em Março absortos com a escalada acelerada das ameaças de guerra nuclear pelo déspota louco de Moscou e pelo derretimento, dessa vez, da ordem geopolítica que pelos últimos 30 anos parecia sólida o bastante para a darem como certa.

Entramos definitivamente em um tempo de derretimento generalizado. Os arranjos dos quais dependemos - equilíbrio ecológico, direito internacional, regimes de veridicção - entraram todos em processo de esfacelamento. Embora a lista de fatores responsáveis por esse *meltdown* generalizado seja longa, há dois acontecimentos particularmente relevantes: o colapso ambiental e a pervasividade técnica. Os derretimentos ligados a cada um desses eventos têm naturezas distintas. O primeiro é marcado pela dissolução das estruturas biogeoquímicas que garantiram por milhões de anos a latência necessária para o surgimento e desenvolvimento da vida como a conhecemos hoje. O segundo antecipa o derretimento de metáforas, narrativas e simbologias que sustentavam as relações e hierarquias entre indivíduos, objetos e fantasmagorias.

Esses dois acontecimentos são resultado de uma bifurcação que ocorreu em meados do século XIX. Com a consolidação do capitalismo industrial alimentado por um novo metabolismo - elétrico, petroleófago, maquinico, em rede - essas duas forças de derretimento começaram a se movimentar e acelerar. Essa é uma história que pode ser contada de muitas formas. No entanto, se os anúncios do fim do mundo de hoje foram excretados pela metástase das chaminés e motores a combustão, então não há ator mais importante nessa narrativa do que os gases de efeito estufa. A vida complexa que conhecemos só existe em estufas. Por outro lado, é a vida quem sintetiza e mantém a estufa ao seu redor. Força parquizante que é, em seu processo de complexificação e neguentropia, a vida cria atmosferas, circuitos materiais, regimes hídricos, faixas de temperatura.

A estufa que pariu os humanos no mundo foi obra longuíssima de acidentes cósmicos, conflitos e experimentações bioquímicas que, depois de milhões de anos, conseguiu estabilizar a atmosfera terrestre em uma concentração média de 320 ppm de CO₂ (principal elemento químico na produção da estufa terrestre). Essa faixa se manteve razoavelmente estável até meados do século XIX, quando a maquinação do mundo



movida a queima de combustíveis fósseis passou a injetar uma quantidade colossal de gás carbônico nos céus. Hoje, estamos prestes a ultrapassar o marco de 420 ppm de CO₂. A última vez que a atmosfera do planeta teve tanto gás carbônico em sua composição foi há mais de 20 milhões de anos, ainda no Oligoceno. Aquele mundo relativamente estável do qual o gênero *Homo* dependeu por milhões de anos para sobreviver e evoluir já acabou faz tempo¹. O que fazemos hoje é viver em seus bolsões resquiciais enquanto não somos engolidos pelo resultado da crescente entropia produzida pelo capitalismo fóssil.

Enquanto os soldados e mísseis de Putin destruíam sistematicamente toda condição habitável do território da Ucrânia pelo uso de violência mecânica e simbólica, o IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas) publicou o seu mais aterrador relatório sobre a catástrofe climática em aceleração. O relatório é um retrato da incapacidade contemporânea em lidar com a nova condição existencial conhecida como Antropoceno. Publicado em meio à carnificina dos ucranianos, o relatório é nas palavras do secretário-geral da ONU, António Gutierrez, uma peça de condenação:

“O júri chegou a um veredicto. E é condenatório. Este relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas é uma longa enumeração de promessas climáticas não cumpridas. É um arquivo da vergonha, catalogando as promessas vazias que nos colocam firmemente no caminho para um mundo inabitável. Estamos em um caminho rápido para o desastre climático: principais cidades debaixo d'água, ondas de calor sem precedentes, tempestades aterrorizantes, falta de água generalizada, a extinção de um milhão de espécies de plantas e animais. Isso não é ficção ou exagero. É o que a ciência nos diz que resultará de nossas atuais políticas energéticas.”

Não é por acaso o juridiquês de Gutierrez. O Antropoceno é ao mesmo tempo um diagnóstico do mundo e um tribunal da espécie (SLOTERDIJK, 2018). Diante da factualidade dos enunciados do fim, os representantes da governança planetária começam finalmente a ecoar os versos entoados pelos profetas da catástrofe há anos. O tempo dos derretimentos é justificadamente obcecado com a catástrofe. Greta Thurberg tem razão em querer retirar o pânico do armário em que é insistentemente colocado por negacionismos e niilismos suicidas. “We need you to panic”. Sim, mas depois o quê?

¹ “Humans Have Never Lived in CO₂ Concentrations Seen in Earth's Atmosphere Today” - Disponível em <https://www.newsweek.com/humans-co2-concentrations-earth-atmosphere-today-experiment-ourselves-1461495#:~:text=For%20a%20study%20published%20in,place%E2%80%94the%20concentrations%20of%20carbon>

O tempo das profecias apocalíticas é sempre o tempo da urgência. Como não lembrar da parábola de Noé fantasiada por Gunther Anders? Do seu luto pelos mortos de amanhã? Na parábola, Noé se cansou de tanto avisar os perigos que se aproximavam: ninguém o levava a sério. Até que, em um ato de desespero, ele se paramenta inteiro para um ritual fúnebre que somente aqueles que estão em luto pela perda dos entes queridos teriam o direito de fazer: veste-se com roupas miseráveis, espalha cinzas sobre a cabeça e arma-se de lamentos fúnebres:

Vestido com o traje da verdade, carregador do sofrimento, ele volta à cidade resolvido a atizar a curiosidade, a maldade e a superstição dos habitantes a seu favor. Logo, um pequeno grupo de pessoas se reuniu ao seu redor. Eles lhe fizeram perguntas. Perguntaram se alguém morrera e quem era essa pessoa. Noé replicou a eles que muitos haviam morrido e, para o divertimento de todos, que eram eles que haviam morrido. Quando questionado quando tal catástrofe acontecera, ele responde: “Amanhã”. Lucrando com a atenção e confusão de todos, Noé ergueu-se em toda sua altura e disse estas palavras: “No dia depois de amanhã, a inundação será algo que já terá sido. E quando a inundação for algo que já tenha sido, *tudo o que é jamais terá existido*. Quando a inundação tiver carregado tudo o que é, tudo o que tenha sido, então será tarde demais para lembrar, pois já não haverá ninguém vivo. E então não haverá mais nenhuma diferença entre os mortos e aqueles que lamentam por eles. *Se eu vim até vocês foi a fim de reverter o tempo*, para lamentar hoje a morte de amanhã. Pois o dia depois de amanhã será tarde demais”.²
(ANDERS apud DUPUY, 2015, p.2)

Não demorou muito até que as pessoas batessem à sua porta dizendo que gostariam de ajudar para que, assim, o luto de hoje pelos mortos de amanhã se tornasse falso.

Pelo silêncio com que foi recebido, talvez Gutierrez devesse trocar seu terno por um bom mergulho nas cinzas do Pantanal, Amazônia, Califórnia, Austrália... ou Mariupol. A guerra de Putin está mais ligada à crise ambiental do que queremos admitir. Não só porque as chuvas de mísseis supersônicos e bombas de fragmentação fizeram da Ucrânia um espaço inabitável (que os cientistas do clima ucranianos não tenham chegado à reunião do IPCC³ porque estavam abrigados contra a violência de um petroestado que depende da manutenção do *status quo* energético não é meramente anedótico). A guerra de Putin é também uma tomada de posição diante do caos climático e das mudanças por vir. Tomando o controle da Ucrânia, o Kremlin garante acesso a uma das principais terras agricultáveis do norte do planeta, um dos principais rios da Eurásia, mais de metade do

² Grifos do autor

³ “Under bombing, Ukraine's climate scientists withdraw from global meeting”. Disponível em: <https://www.politico.eu/article/bomb-ukraine-climate-scientists-withdraw-global-ipcc-meeting/>



neônio disponível no mundo (essencial para a indústria de chips e semicondutores), além de 15 reatores nucleares.

Daqui em diante, toda guerra no Antropoceno será uma guerra climática. Ou, como eufemisticamente pontuou o relatório, “em níveis mais altos de aquecimento global, os impactos do clima e dos extremos climáticos, particularmente a seca, aumentando a vulnerabilidade, afetarão cada vez mais conflitos intra-estaduais violentos”⁴ (pontos B.1.7 e B.4.7 dos “Impactos e riscos observados e projetados”).

Uso prático da consciência trágica

Por infinitas vezes os mais distintos humanos - pela condição distinta de arautos do fim, mas também distintos entre si: incomunicáveis por distâncias intransponíveis no tempo, na língua e no espaço - alardearam o fim do mundo. E eles não estavam tão errados. O fim está sempre próximo, o mundo está sempre se acabando. É sempre o fim que espreita na esquina, malgrado os períodos de esquecimento ou delírio otimista com o fim do fim. Nada é certo nesse mundo torto senão a finitude.

Dessa vez, no entanto, não estamos falando do fim de um mundo localizado, mas sim da destruição radical das condições de habitação do planeta inteiro. Estamos à beira do ponto de não retorno e o único caminho para a sobrevivência coletiva é a retirada massiva e sistemática de bilhões de toneladas de gás carbônico da atmosfera todos os anos. O que torna o último relatório do IPCC verdadeiramente aterrorizante não é o reconhecimento da tendência suicida em que estamos metidos, mas a constatação de que as ideias que temos para minorar os estragos a tempo são ainda insuficientes ou muito tímidas. O óbvio necessário - reflorestamento e proteção dos ecossistemas; transição energética; transformações no modo de vida, produção e circulação de mercadorias; etc. - não será capaz de resolver a equação. Por outro lado, as tecnologias de captura e armazenamento de carbono são caras e dispendiosas e podem não ser desenvolvidas a tempo. Estamos diante de um impasse trágico, aquele que Nietzsche identificava como o motor de fundo da tragédia grega: entre a incapacitação provocada pela evidência terrível do funcionamento dionisíaco do mundo e a necessidade de inventarmos certeza apolíneas que nos permitam agir. Estamos, literalmente, entre a imaginação e a morte.

⁴ Pontos B.1.7 e B.4.7 dos “Impactos e riscos observados e projetados”

A consciência da convulsão do mundo é frequente em muitos povos. Dos mitos da queda do céu Yanomami aos grandes dilúvios Ohlone. De Exu e Nana - orixás da mudança e do metabolismo pantanoso do mundo - a Dionísio, deus do êxtase e da desmedida. As muitas diferenciações humanas sobre o planeta sempre assimilaram a iminência da tragédia como um dado inescapável do real. A tragédia é um aspecto básico da realidade e um dos fundamentos da consciência humana. Confrontados com a desestruturação randômica do mundo, os humanos despertam diante do impasse. A tragédia serve de plataforma à elaboração da consciência, de imagens, de ferramentas de orientação, pois funciona como matriz do espanto que move o pensamento. No entanto, se é dela que devemos partir, a tragédia, já diria Karl Jaspers, não basta.

O povo que se percebeu sujeito aos desastres aleatórios de um mundo convulsivo é um povo mobilizado pela consciência trágica. Um povo que perdeu a inocência. Mas a consciência trágica é insuficiente porque está sujeita a hipertrofias, apatias, escapes loucos e recalcamientos. A consciência trágica é uma condição vulnerável da qual se aproveitam o salvacionismo religioso, o nihilismo suicida, a apatia filosófica, o totalitarismo fascista. Seu bom uso é quando, a partir da união entre as dimensões apolíneas e dionisíacas, consegue criar um acontecimento radicalmente novo. Só assim se contorna a tragédia: cultuando a condição metaestável do existir como plataforma para a invenção de contravenenos; estabelecendo ritos, valores e cultos capazes de lidar com o caos entrópico sempre em vias de realização. Se a rede viva da Terra é o que abranda a entropia, a imaginação humana é o que dribla o furor extático do caos.

Quem tem a consciência mais nutrida pela iminência da tragédia senão essa humanidade que resultou da planetarização do capitalismo? Se antes a consciência trágica espalhada pela colonização do globo encarnava em imensos contingentes localizados (o genocídio dantesco dos povos ameríndios; a rede atlântica de sequestro, escravização e tortura dos negros africanos; a sistematização do roubo e da penitência da vida dos pobres, sobretudo mulheres, crianças e desviantes) hoje ela é ubíqua e incontornável. E já não há nenhum quilombo, nenhuma floresta, nenhum fora ou esconderijo capaz de contornar a dimensão da tragédia atual.

O que a tragédia encena não é a salvação, mas um interregno, um campo de transição entre modos de vida: campo de luta e colisão entre homens e poderes pelo mundo por vir. “As grandes tragédias, tanto as gregas quanto as modernas, surgem em eras de transição” e se alastram pelas consciências como “labaredas dos incêndios que consomem uma época” (JASPERS, 1952, p. 29). Para Jaspers, o que se disputa nas



tragédias é o universal, o domínio narrativo do mundo, a ordem moral, a ordem mundial, as leis universais da vida, o eterno.

O impasse da tragédia climática funciona como força diagramática das disposições. É um divisor das águas da consciência coletiva. A partir do impasse climático proliferam os negacionismos reativos e o niilismo passivo; mas é também do impasse que partem as vinculações ativas com os regimes de planetaridade por vir. Nos interessa a luta que acontece nesse eixo positivo: de um lado aqueles que defendem um reinvestimento radical nos motores modernos de transformação do mundo, de outro os que defendem a revinculação com o axioma geobiológico do qual surgimos e dependemos enquanto espécie. O conflito encenado na tragédia do Antropoceno disputa a diretrizção do *ethos* adequado à recuperação planetária.

Essa luta entre terranos e transformers é traduzida por Peter Sloterdijk em tintas dramáticas como uma titanomaquia do século XXI (SLOTERDIJK, 2018). De um lado teríamos um amálgama crescente e confuso de representantes de uma vida minimalista que o filósofo apelida jocosamente - e não sem razão - de calvinistas ecológicos. De outro, os representantes do *ethos* moderno que acelerou a deriva entrópica do mundo que hoje ameaça nos engolir, identificados por Sloterdijk como expressionistas cinéticos. Nesse confronto observamos um problema de modulação: descompasso entre desejos de aceleração e frenagem. Os expressionistas cinéticos continuam o vício por velocidade na vinculação com as derivas acelerativas do capitalismo; vasculham e deliram com os novos horizontes e transformações produzidas por um regime que devora trabalho e natureza para devolver máquinas e excedentes de abstração. Os calvinistas ecológicos tentam refrear o furor vampírico do capitalismo fóssil costurando redes de apoio e reconquista, tecendo metáforas que sirvam ao metabolismo do planeta (variações químicas, diferenciações locais, individualizações díspares, cosmovisões antagônicas). De um lado o encontro entre economistas, sociólogos, programadores, designers e escritores de ficção científica vinculados à nova condição de vida dentro de um sistema baseado em acelerar a abstração de tudo o que se pode ver, tocar, fazer e sentir. De outro, um encontro entre antropologia, saberes tradicionais, ambientalismo e ciências da Terra articulando outro tecido ontológico capaz de assimilar as ruínas do mundo e se proteger das tendências destrutivas postas a correr pela circuitação capitalista. Um maquinismo que pisa no acelerador. Um animismo que pisa no freio.

O que o relatório do IPCC sugere, no entanto, é que essa peleja de titãs precisará ser requalificada. Não só não podemos mais acelerar à moda antiga, como o tempo ótimo

para uma frenagem capaz de reequilibrar o clima parece ter passado. Justamente por já ser tarde demais, as propostas por intervenção radical no metabolismo planetário acabam subsumindo aquelas da retirada total. Os primeiros ganham mais adeptos quando a mesma ciência que atesta o aquecimento global afirma que já estamos mais próximos do que se imagina de passarmos do ponto de não retorno⁵ - no qual a crise ambiental entra em uma espiral de feedback positivo injetando mais entropia no sistema e anulando qualquer resiliência ou capacidade regenerativa. Por outro lado, os sonhos de retirada e ascese dos segundos perdem gradativamente o efeito prático na recuperação das condições de habitabilidade quanto mais tudo degenera. Ao que parece, a condição paradoxal do Antropoceno é precisarmos ao mesmo tempo frear o modo de vida que nasceu da aceleração e acelerar a invenção de uma nova vida. Como conciliar um ethos minimalista que nos garanta resiliência e um regime de invenção e intervenção planetária que nos tire do buraco a tempo?

Por enquanto, vão ganhando tração propostas como as de Benjamin Bratton: produzir a planetaridade por vir através de uma reaxiomatização da natureza e da sociedade por intervenção algorítmica. Em *Terraforming*, Bratton exige o pouso dos sonhos galácticos da vanguarda capitalista (pelo menos por enquanto). Nada de terraformar Marte, a Lua ou o asteroide mais próximo: dada a iminente destruição das condições de habitabilidade do nosso planeta, temos a obrigação de terraformar a Terra se quisermos continuar existindo. Sob os auspícios de uma computação que parece prestes a se descolar das capacidades interpretativas humanas⁶, a solução da crise ambiental sofre cada vez mais pressão para uma intervenção técnica mediada por inteligências artificiais e dispositivos de monitoramento.

O argumento para tal intervenção total no sistema-Terra é de que aquelas duas forças de derretimento que se desgarraram da revolução industrial (fragmentação ambiental e maquinação da existência) precisam se reencontrar para que ambas sejam requalificadas - ou antes, transvaloradas. Para Bratton, esse encontro deve partir do mesmo movimento de descentramento do *Antropos* na configuração cosmológica

⁵ Para conseguirmos manter o aquecimento global abaixo dos 2°C, o pico de emissões de carbono não pode passar de 2025. Mas falta combinar com os russos e, principalmente, chineses e indianos.

⁶ É sempre o mesmo diagnóstico desde as primeiras teorizações sobre as inteligências artificiais. Entre o hype e o flop, a computação ainda apresenta limites para lidar com a aleatoriedade de um sistema complexo. Os riscos de não acionarmos a máquina computacional planetária na equação de recuperação ambiental são imensos. Mas os de acioná-la também: quem arrisca dizer o que pode um *bug* quando a existência do planeta vivo depender da simbiose com a tecnosfera?



iniciado pela revolução copernicana. Para ser capaz de responder ao tempo de urgência e emergência em que entramos, o desenho das agências não pode estar subsumido aos modelos que reinscrevem a todo momento “o Homem” como guardião da existência e decisor final. Para isso, seria preciso recuperar a disposição mobilizada por Galileu, Kepler e cia que retirou - a golpes de luneta e fórmulas matemáticas - “o Homem” do centro do mundo. Em sua defesa de um materialismo radical, Bratton vai não só exorcizar qualquer resquício de antropocentrismo nos arranjos sociais e naturais, como também rejeitar qualquer ideia de natureza ou sociedade: o funcionamento do mundo é não mais do que um longuíssimo processo de arranjos negentrópicos em cascatas de automação e cognição.

A ruptura dessas cascatas de automação e cognição leva à destruição do metabolismo biogeoquímico que garante as condições de habitação da vida no planeta. Respalda pela urgência e pela incapacidade dos modelos de governança atuais em refrear a tendência catastrófica há tanto anunciada, Bratton defende que se dê o próximo passo lógico na complexificação dessas cascatas: mobilizar a tecnosfera e garantir que as inteligências artificiais assimilem e intervenham nas muitas outras inteligências que compõem a rede de sustentação do planeta. Essa espécie de natureza aumentada (natureza *smart*) é uma proposta que não vem sem certos ares autoritários: seu plano de terraformar a Terra é um redesign vertical, planejado, automatizado e francamente avesso às lutas e seu construir gradual e errático de melhores condições de vida. No entanto, o enquadramento proposto por Bratton pode servir de fundamento para criarmos saídas ao impasse: mobilizar a vastidão não-humana das inteligências abre novas possibilidades de imaginar o futuro.

O intransigente rechaço aos partidários da maquinação total por parte da turma de Gaia não nos permite ver qualquer ponte entre as duas perspectivas (lembremos da pouco elogiosa recusa de Isabelle Stengers a sequer comentar o exercício de desobstrução proposto por Nick Srnicek e Alex Williams no Manifesto Aceleracionista). As duas posições podem divergir ainda mais conforme os desastres se amontoem uns sobre os outros. Mas talvez a cognição expandida por enteógenos e rituais de transe se encontre com a cognição expandida por algoritmos e instrumentos em algum lugar pelo caminho. Diante do avanço da desestruturação climática, os dois lados talvez percebam a necessidade de uma articulação conjunta.

O que parece certo é que daqui em diante as bombas cairão cada vez mais e com cada vez mais violência. Os milhões de refugiados das guerras do clima se multiplicarão

nos próximos anos e chegarão às enxurradas aos poucos espaços ainda habitáveis do planeta. Até quando? Da ameaça atômica, à incineração das florestas, dos vírus mortais aos dilúvios: os últimos espaços respiráveis estão derretendo aceleradamente. É preciso inventar, como sempre foi. É preciso liberar os futuros não distópicos e mobilizá-los hoje para que tudo o que existiu ainda exista amanhã. O potencial criativo que pode surgir de uma frente ampla existencial entre hackers e xamãs, entre programadores e permacultores, cada qual mobilizando suas cifras e curas, seus ritmos e seus algoritmos para reconstituir a carne do mundo ainda não foi sequer testada. Apostar na divisão pode ser um terrível engano. Melhor seria interromper o fratricídio estúpido entre os que avançam nas lutas de reconquista da Terra e aqueles que experimentam o devir de sua invenção. Talvez seja essa a única forma de impedirmos a proliferação de déspotas e negacionistas, mas também da imposição de um regime de controle vertical e autoritário. Apostar na inteligência e articular as inteligências, todas elas, é só o que temos contra o fim do mundo.

BIBLIOGRAFIA

BRATTON, Benjamin. **The Terraforming**. Moscou: Strelka Press, 2019

DUPUY, Jean-Pierre. **A short treatise on the metaphysics of tsunamis**. Michigan: Michigan State University Press, 2015

JASPERS, Karl. **Tragedy is not enough**. Boston. The Beacon Press, 1952.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia: ou helenismo e pessimismo**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

SLOTERDIJK, Peter. **What happened in the twentieth century?** Cambridge: Polity Press, 2018